



**MANOEL
TEIXEIRA GOMES**

OFÍCIO DE VIVER

**COORDENAÇÃO
M.^A DA GRAÇA A. MATEUS VENTURA**

**TINTA
DA
CHINA**
edições

*Encontrei na África francesa mais
desenvolvimento do que supunha:
aspectos da vida cultural na Argélia nos anos 30*

DJAMIL AÏSSANI

Vidi Buggea che v'é di gran loda
(Eu vi Béjaia que todos louvam)
FAZIO DEGLI UBERTI (1305-67), *Dittamendo*

Mediatizada em 1997 por ocasião do colóquio internacional «Béjaia e a Sua Região através dos Séculos: História, Sociedade, Ciências, Cultura» (Aïssani, *Bougie* 35; Ferreira, *Um Peregrino* 39), depois amplificada em 1998 na Exposição Universal de Lisboa (Lagoune), a estada em Béjaia do antigo presidente português Manuel Teixeira Gomes (1931-41) foi o centro do desenvolvimento das relações entre a Argélia e Portugal nos últimos anos. Desde então, os presidentes portugueses têm visitado Béjaia e o quarto n.º 13 do hotel l'Étoile: o Dr. Mário Soares, em 1998, e o Dr. Jorge Sampaio, que, em 2006, iniciou uma visita de Estado à Argélia a partir desta cidade. Um busto de Manuel Teixeira Gomes foi, então, colocado na praça Patrice Lumumba, enquanto o novo colégio do bairro Iheddaden foi baptizado com o nome do antigo presidente.

O objectivo deste breve estudo é destacar a vida cultural na Argélia e, em particular em Béjaia, durante a estada de Manuel Teixeira Gomes (1931-41), por se tratar de um período charneira a vários títulos:

- para as autoridades coloniais, trata-se de comemorar o centenário da colonização. Concebidas como uma operação de prestígio destinada a marcar a opinião local e metropolitana francesa, as ações iniciadas ocultaram completamente os direitos dos argelinos;

- para as populações autóctones, trata-se do período de renovação do pensamento: crescimento do movimento associativo, radicalização política, reestruturação do movimento nacionalista, nomeadamente com a fundação da Associação dos Ulemás Muçulmanos Argelinos.

Béjaia através dos tempos

Situada no coração do espaço mediterrânico, Béjaia (Bgayet, Bougie, Bugia, Buggea), cidade da Argélia que deu o seu nome às pequenas velas (*Bougies*, em francês)

e a partir da qual se popularizaram na Europa os algarismos árabes, encerra numerosos sítios naturais e vestígios históricos que se inscrevem nos anais da sua longa história. O seu tecido urbano traduz uma ocupação humana, contínua e sistemática, desde a Antiguidade.

A ocupação pré-histórica da região de Béjaia é notável pelos numerosos sítios e jazidas ibero-mouriscas (de 20 000 a.C. a 10 000 a.C.), que se encontram em particular nos Babors setentrionais. A posição geográfica privilegiada da região prestou-se à instalação de uma feitoria fenícia ou púnica onde líbicos (antigos Berberes) e púnicos coabitavam. Cerca de 25 a.C., o imperador romano Augusto fundou aí a Colonia Julia Augusta Saldensium Septimana Immunis, para a povoar de veteranos da *legio* VII Augusta, que integrou o seu exército durante as guerras civis romanas. A cidade foi, então, dotada de numerosos equipamentos de utilidade pública.

A informação sobre o período da islamização (séculos VII-X) é escassa. O mapa político do Magrebe transformou-se por volta de meados do século XI. O reino berbere dos hammaditas, em conflito com os almorávidas a oeste e com os ziridas a este, transferiu a sua capital da Qal`a des Béni Hammad (perto de M`sila) para Béjaia — Bgayet. A antiga Saldae inaugura assim o seu papel histórico, tornando-se uma das cidades mais prósperas do Magrebe.

Sucessivamente capital de um estado independente, depois capital provincial de um império, a composição da sua população (segundo o viajante Leão, o Africano, elevava-se a várias dezenas de milhares de habitantes) era muito heterogénea. A maioria era constituída por cabilas e andaluzes, os quais formavam uma importante comunidade (al-Jama`a al-Andalusiya) dirigida por um cheikh. Além de um grupo consistente de judeus, havia ainda uma colónia cristã cuja presença é confirmada pela famosa carta do papa Gregório VII ao soberano hammadita al-Nasir, em 1076. Segundo Mas Latrie, nenhum pontífice romano tratou tão afectuosamente um príncipe muçulmano como este.

Posteriormente, as relações oficiais e comerciais com as repúblicas cristãs de Génova, Pisa, Veneza, Marselha, Catalunha e, enfim, Maiorca estabeleceram-se mediante a assinatura de tratados de comércio, de paz e sobre os bens dos naufragos. A importância de Béjaia na transmissão do saber medieval é confirmada pela estada



68. Carta de Piri Reis representando o reino de Béjaia no final do século XV.

prolongada de sábios versados em diferentes domínios do conhecimento: o poeta siciliano Ibn Hamdis, o metafísico andaluz Ibn Arabi, o matemático italiano Leonardo Fibonacci, o filósofo catalão Raymond Lulle, o historiador «tunisino» Ibn Khaldun... bem como personalidades religiosas (Sidi-Bou-Medienne, Sidi Bou Sa`id, al-Sabti, ath-Tha`aliby,...) e viajantes (al-Idrissi, al-Abdari, Ibn Battuta, Leão, o Africano...).

A história de Béjaia, em meados do século XVI, é marcada pelo recrudescimento do corso. Segun-

do Ibn Khaldun, os bougiotas não tardaram a destacar-se entre os corsários mais temidos dos marinheiros cristãos. Com o objectivo de estabelecer entrepostos comerciais de tipo colonial na costa argelina, a Espanha enviou Pedro Navarro para se apoderar da cidade em 1510. As fortificações foram reforçadas, mas a cidade foi saqueada e, em particular, os palácios hammaditas que ainda subsistiam foram destruídos. Atacados em 1513 pelo turco Aroudj, os espanhóis resistiram e mantiveram-se aí até 1555. A guarnição espanhola era continuamente sabotada pelos autóctones, apesar da visita do imperador Carlos V em 1541, e a cidade isolada vegetava. Em 1555, Salah Rais sitiou-a e obrigou o governador espanhol Alphonso de Peralta a capitular.

Durante o domínio turco, Béjaia perdeu o seu estatuto de capital, embora continuasse a desempenhar um papel importante como centro de construção naval. A ocupação francesa de Béjaia começou em 1833. A cidade e a sua região ofereceram uma resistência feroz e tornaram-se um foco de insurreição. Em 1871, a notícia da derrota francesa na Prússia e a redução dos efectivos militares coloniais na Argélia alimentaram nas populações cabilas a esperança de recuperarem a sua independência. Para punir os revoltosos, o vice-almirante de Gueydon sequestrou-lhes as melhores terras e obrigou-os a pagar uma pesada contribuição de guerra.

Na sequência da colonização francesa, numerosos europeus estabeleceram-se na Argélia. O clima e a proximidade da Europa facilitaram a fixação de várias centenas de milhares de colonos, oriundos sobretudo dos países ribeirinhos do Mediterrâneo ocidental: França, Espanha, Itália, Malta... Na década de 30 do século xx, os autóctones dedicavam-se sobretudo a actividades tradicionais. Nas cidades, eram pequenos lojistas e artesãos. A economia local apresentava-se, em geral, arcaica e imóvel. Os rendimentos eram fracos e os lucros reduzidos, apesar do enorme esforço.

Desde o início do século xx, Béjaia e a sua região desempenharam um papel não negligenciável no despertar das consciências e na estruturação do movimento nacional. Em Maio de 1945, no momento em que os Aliados celebravam a libertação em todo o mundo, a Cabília dos Babors manifestou a sua dissidência. Organizaram-se manifestações para exigir democracia e justiça face aos sacrifícios dos muçulmanos durante a guerra. O dia do armistício foi a data escolhida. A repressão colonial foi de uma ferocidade aterradora, tendo provocado 45 mil mortos.

Dois anos após o desencadear da luta armada, realizou-se em Ifni (perto de Ighzer Amokrane) o célebre congresso da Soummam (1956). Com efeito, era preciso estruturar a guerra da independência. Pelo trabalho legislativo efectuado, este congresso constituiu uma viragem e os textos então produzidos ainda hoje inspiram o destino da Argélia.

O centenário da colonização



69. Argel, vista geral a partir do Casbah, 1906. (col. MGMV)

A estada de Manuel Teixeira Gomes em Béjaia coincide com os preparativos de celebração do centenário da colonização francesa na Argélia. Nesta época, Argel era considerada a quarta cidade de França, a seguir a Paris, Lyon e Marselha. A sua população reunia duas comunidades — arabo-berbere e judaico-europeia — que viviam lado a lado, mas não se misturavam (Verdès-Leroux 1).

Os grupos que constituíam estas comunidades habitavam bairros distintos. É o caso, por exemplo, de Bab el Oued para os espanhóis, ou do bairro do porto para os italianos, sicilianos, gregos ou malteses. Quanto aos autóctones arabo-berberes, estes habitavam nas colinas, nomeadamente na *casbah*.

O centenário da colonização foi programado para fazer um primeiro balanço da «obra francesa» em África. Tratava-se de fazer o ponto da situação do estado do conhecimento sobre os diferentes aspectos da Argélia francesa (168). Neste sentido, os organizadores valorizaram «a vocação mediterrânica e ocidental da Argélia e a sua integração no império romano em oposição aos ‘séculos obscuros’ que se seguiram às invasões árabes» (169). Os «balanços» redigidos no final das festividades destacavam as seguintes conclusões: «a intervenção francesa, realização lógica e feliz, libertou o país da anarquia e do subdesenvolvimento e trouxe a prosperidade a uma Argélia pacificada, ‘província francesa’ que ocuparia doravante o seu lugar no conjunto nacional» (169). Naturalmente, a questão dos direitos políticos dos muçulmanos foi ocultada. De facto, estes balanços oficiais preparados nomeadamente por Gustave Mercier nos seus dois volumes sobre «Le Centenaire de l’Algérie» (1931) «ocultam as vozes discordantes dos comunistas ou dos políticos argelinos». É o caso, por exemplo, do farmacêutico de Sétif, Ferhat Abbas, lamentando a humilhante evocação da conquista imposta aos colonizados (169). Segundo Jacques Cantier, «a penúria argelina dos anos 30 iria em breve revelar o reverso do *décor* desta grande encenação colonial» (169). A título de exemplo, a partir de 1938 surge no diário *Alger Républicain* um longo inquérito, «Misère de Kabylie», rompendo com os clichés exóticos até então obrigatórios (158). O seu autor, Albert Camus, constata que a região foi esquecida, votada ao abandono, reinando o desemprego, o subequipamento e a incúria. A partir de factos concretos e de números, ele inverte o discurso oficial que se vangloria dos alegados benefícios da colonização (158).

Boom do movimento associativo

A criação das primeiras associações na Argélia remonta ao início do século xx, em resultado, porventura, de dois acontecimentos: a reestruturação da esfera cultural argelina, empreendida desde os anos 80 do século xix e a promulgação da famosa lei francesa de 1901 sobre as associações. Os letrados da época, tanto arabófonos como francófonos, haviam participado na implementação de uma nova rede de socialização cultural, cujo elo central era constituído pelos círculos culturais (os Nawadi). Em 1902, fundou-se a Rachidiya, em Argel. Em 1907, o círculo Salah Bey foi criado em Constantine. O movimento estendeu-se rapidamente a toda a Argélia (a Amicale des Sciences Modernes em Khenchela, o Cercle des Jeunes Algériens em Tlemcen, a Sociéte al Akhouya em Mascara, a Toufikiya em Argel, a Saddikiya, o Cercle du progrès em Annaba...) e extravasa, por vezes, do espaço citadino para se implantar nas aldeias: é o caso de L'Union em Tighenif e do Progrès Saharidjien em Djemaâ Saharidj. Preocupações sociais, culturais, religiosas e políticas animavam estes círculos.

Além dos Nawadis, existiam ainda outros lugares de encontro, embora pouco numerosos: a mesquita, o *souk*, o café, o Tājmaât (isto é, a assembleia), ao nível das aldeias. Nas cidades, o Nadi compete com a mesquita, mesmo no movimento reformista (*islabiste*). O período entre as duas guerras mundiais foi a sua época gloriosa. Advogados, médicos, professores, comerciantes, funcionários, jornalistas, todos ligados às forças políticas, religiosas e intelectuais modernistas, aí se encontravam com maior ou menor regularidade e relançaram a sociedade civil, substituindo as antigas corporações pelas novas associações, numa profusão de agrupamentos, de clubes e de sociedades filantrópicas, desportivas, musicais... (Aïssani, *Historique* 1).

Quanto ao café, ele era o Nadi do povo, o círculo do pobre. Era o lugar de encontro onde trabalhadores e pequenos comerciantes partilhavam as notícias do país e do quotidiano da cidade e da aldeia. O café era também o «lugar social» para os trabalhadores argelinos, sindicalizados ou não, e local político, apesar da vigilância policial (1). Em torno destes círculos culturais e destes cafés, forjava-se uma importante vida associativa. Estas primeiras associações eram essencialmente organismos de carácter corporativo que funcionavam defensivamente como expressão de segmentos sociais politicamente conscientes e não como agrupamento generalizado da sociedade.

Parece que o verdadeiro desenvolvimento do movimento associativo na Argélia data dos anos 20. Após a Primeira Guerra mundial, este movimento, fazendo uso das possibilidades da lei de 1901, esforçou-se por evidenciar a especificidade de uma cultura e de uma espiritualidade própria do nosso país. É interessante constatar como um grupo se constitui socialmente fruto da interação social e da sensibilidade cultural. Nesta época existiam em território francês três categorias

de associação: não declarada, declarada e de utilidade pública. Estas associações regiam-se pela lei de 1901, que permite ainda hoje, em França, criar livremente qualquer associação não declarada, sem formalidades. Basta que duas pessoas se reúnam e decidam o objecto da associação (mesmo sem estatutos e sem designação dos dirigentes).

Subsistem ainda hoje traços da densidade das corporações e do movimento associativo em território argelino dessa época. Em Novembro de 1997, os Arquivos nacionais apresentaram no colóquio internacional «Béjaïa e a Sua Região através dos Séculos» uma exposição intitulada «As fontes relativas a Béjaïa conservadas nos Arquivos de Constantine». Um relance sobre o fundo económico permite constatar a proliferação de sindicatos específicos, nomeadamente na região de Béjaïa: Sindicato Profissional da Caixa Regional de Seguros Mútuos Agrícolas de Bougie (1928), Sindicato dos trabalhadores da construção de Bougie (1933), Sindicato dos corticeiros (1933), Sindicato dos cabeleireiros (1936), Sindicato dos marinheiros de Bougie (1936), Sindicato dos empregados da região de Bougie (1937), Sindicato dos oleiros de Bougie (1937), entre outros.

Sucessivamente, no final dos anos 30 e no início dos anos 40, várias corporações surgiram em Bougie: cabeleireiros, empregados de restauração, taberneiros, retalhistas de bronzes, transportadores terrestres, agentes gerais de seguros, embaladores de figos secos, retalhistas de tabaco, negociantes de cereais, artesãos sapateiros, industriais corticeiros, operários metalúrgicos, camionistas, merceiros, leiteiros, hortelões, operários agrícolas, vendedores ambulantes, estivadores... (Aïssani, *Bougie* 36).

No que respeita às associações musicais e aos clubes desportivos, estes eram, de algum modo, intermediários culturais, onde se encontravam e renovavam a cultura do Nadi e a do café. As sociedades de música veiculavam, certamente, o valor de uma categoria específica (arte andaluza, por exemplo), mas a música *chaâbi*, por um lado, o acesso crescente dos muçulmanos aos desportos populares (futebol, boxe) e a criação de clubes desportivos muçulmanos, por outro, estabeleceram formas e lugares de troca entre as culturas do *Nadi* e do café. Estes dois tipos de associações (musical e desportiva) ocuparam maciçamente a centralidade espacial e funcional da cultura argelina dos anos 30 (Aïssani, *Historique* 3).

Assim, considerando ainda Béjaïa, o Fundo «Associações diversas» dos Arquivos de Constantine permite-nos identificar, entre 1932 e 1940, as seguintes associações: La Fraternelle de Akbou em Aubervilliers (Akbou, 1938-39), La Jeunesse Sportive Musulmane de Bougie (1936), Es Salam (Bougie, 1936-37), Amicale des Origines de la Commune d'Akbou (Argel, 1937), Echabab El Fenni (Bougie, 1937), Errahmania (Soummam, 1938), Ennassiria (Bougie, 1937-38), Amicale de l'École de Chemini (Soummam, 1937), Eveil d'Aourir Oualmi de la Fayette (Bougie, 1938), El Itihad (Sidi-Aïch, 1937), Es Saâda (Sidi-Aïch, 1936-38), L'Avenir de Béni-Oughlis

(Bougie, 1936-37), Association des Élèves de l' Islah (Bougie, 1937), Médersa privée de Guelaâ, Douar Boni (Akbou, 1935), etc.

Por outro lado, existia uma forma de sociabilidade pré-associativa que conferia aos jovens dos bairros (El Houma) possibilidades de reforço da sua coesão e de enfrentarem juntos, quer o mundo dos adultos, quer a sociedade colonial. Três «escolas» contribuem para a fixação poderosa do grupo de idade e para a construção da sua solidariedade orgânica: a rua, a turma, os escuteiros. A partir dos anos 20, o futebol ganha uma enorme popularidade. A pequena equipa de bairro era uma estrutura preparatória para os agrupamentos associativos, pois alimentava a consciência de grupo, o espírito de competição e de solidariedade e a emulação (3).

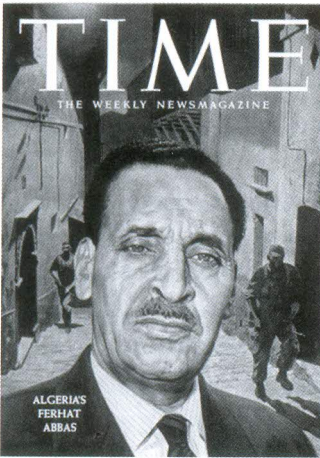
Naturalmente, todas estas associações vão desempenhar um papel essencial na tomada de consciência das populações e, sobretudo, na implementação do movimento nacional. De facto, como sublinhou Mostefa Lacheraf, «os nossos compatriotas, embora desprovidos de condições, abriram-se, como por infracção, ao mundo moderno e imprimiram, ao mesmo tempo, nos velhos fundos das tradições magrebina, valores socialmente úteis ou perfectíveis, hábitos de vida sóbrios e descontraídos, a modéstia, o pudor, o sentido da dignidade e da coesão comunitárias. Esta Argélia [...] foi criada contra ventos e marés, rejeitando, com todas as suas forças, a alienação múltipla imposta pelo colonialismo, forjando, assim, a longo prazo, os instrumentos concretos (psicológicos, organizacionais e morais) da sua luta de libertação» (Aïssani, *Historique* 5).

Estruturação do movimento nacional

Os anos 30 foram muito importantes para a estruturação do movimento nacional. Três personalidades políticas argelinas desempenharam papel fulcral: Messali Hadj, Ferhat Abbas e Abdelhamid Ibn Badis.

Messali Hadj é considerado o pai fundador do nacionalismo argelino. Nasceu em Tlemcen em 1898, chegou a Paris em 1923, já politizado pela leitura do *L'Humanité*, e admirador de Mustapha Kamel (Verdès-Leroux 597). Em 1926, foi eleito secretário-geral da ENA (Étoile Nord-Africaine), presidida pelo comunista Abdelkader Hadj Ali. Fez da ENA a primeira organização norte-africana abertamente nacionalista. Quando a ENA foi ilegalizada pelo Tribunal correcional do Sena, em 1929, contava com mais de quatro mil membros (597). Messali Hadj regressou à Argélia em 1936 e, imediatamente, reafirmou o direito à autodeterminação. A dissolução da ENA em Dezembro de 1936 levou-o a criar um novo partido, o PPA (Partido do Povo Argelino). Mais tarde seria dirigente do MTLD (Mouvement pour le Triomphe des Libertés Démocratiques).

Farmacêutico instalado em Sétif, em 1933, Ferhat Abbas entrou na história por se ter tornado o primeiro presidente do GPRA (Governo Provisório da



70. Ferhat Abbas (1899-1985).
71. Os ulemás reformadores eram adeptos de um nacionalismo moderado.

República Argelina) em 1958, em plena guerra da Argélia. Quando iniciou a sua carreira política não era ainda um nacionalista.

Em 1924 foi fundada a primeira associação de carácter religioso: trata-se da Association Fraternité Culturelle (Djamiyyat al Ikhaa al Ilmi). A partir de 1931, a AUMA (Association des Oulémas Musulmans Algériens) conquistou o seu lugar no panorama associativo da Argélia. A dissidência da ala marabutica, um ano depois, conduziu à fundação em Argel, a 16 de Setembro de 1932, da Association des Oulémas Sunnites Algériens.

De um modo geral, a doutrina principal do reformismo muçulmano argelino, o *Islah*, fundava-se no regresso às fontes essenciais do Islão: o Corão e a Sunna (a tradição) (658). Na origem deste movimento está um grupo de ulemás professores em Argel, Constantine, Biskra, Béjaia e Tlemcen. O seu objectivo era «revitalizar a prática da religião, como na época dos tempos áureos do Islão primitivo, conjugando-o com um modernismo moderado» (658). A imprensa foi um dos seus meios principais, em particular o célebre jornal *Ech Chihab (Le Météore)*, publicado entre 1925 e 1939 e que constituía uma tribuna para a propagação do discurso *islabiste*. O segundo meio utilizado foi a educação. Os ulemás reformadores investiram no ensino, nomeadamente através da criação de escolas onde se ensinava a língua árabe e os princípios do islão. Assim, parece que em 1935 havia cerca de 70 escolas com três mil alunos inscritos, repartidos por todo o território nacional (658). As tomadas de posição dos ulemás reformadores mostram que foram adeptos de um nacionalismo moderado. Contudo, as suas acções contribuíram «para a salvaguarda da identidade argelina, nas suas especificidades étnicas, religiosas e culturais» (658).

O cheikh Abdelhamid Ibn Badis (1889-1940) foi o mais célebre destes ulemás. Já evocámos os meios de difusão do *Islah*, em particular a imprensa, a educação e o

activismo político. Combateu igualmente as práticas de certas confrarias religiosas, «acusadas de espalhar a ignorância e o charlatanismo entre a população». Com os seus escritos e conferências opôs-se, enfim, à corrente assimilacionista no seio da elite argelina. Presidiu à Association des Oulémas Musulmans Algériens até à sua morte. Integrou ainda a delegação do Congresso muçulmano que se deslocou a Paris, em 1936, para apresentar as reivindicações do Congresso ao governo da Frente Popular, cuja vitória suscitara enormes esperanças junto da classe política argelina (103).

As artes e as letras

Já afirmámos anteriormente que o meio intelectual argelino (autóctone) evoluiu em torno dos Nawadis (círculos), dos Zaouias (institutos religiosos) e das Médersas (escolas corânicas). Na verdade, o seu campo de acção era muito mais vasto. Assim, os poetas tradicionais (nomeadamente os poetas trovadores) eram numerosos na Cabília no início do século xx. É o caso, por exemplo, de Si Lbachir Amellah (1861-1930). Desde 1939, o testemunho de Slimane Rahmani atestou a sua notoriedade. Mas é seguramente à sua produção poética que se deve a sua inclusão na memória colectiva. O seu reportório reúne cerca de 160 poemas. Os temas são clássicos: a mulher, o amor, a nostalgia, a viagem, o destino, as invocações, os jogos e a bebida, entre outros. Contudo, alguns poemas abordam temas contemporâneos, como a emigração, o colonialismo ou a Primeira Guerra Mundial.

Por outro lado, o processo de colonização esteve na origem de uma importante operação de investigação sobre os usos e costumes e o modo de vida da população autóctone. São os orientistas que vão desempenhar um papel essencial no desenvolvimento deste movimento. Entre eles, Berbrugger, Luciani, Cherbonneau, Hanoteau, Basset. Graças à Escola Normal de Bouzaréah (Argel), alguns autóctones participariam neste movimento. É o caso de Ben Sedira, de Boulifa ou de Ben Cheneb.

Natural da Grande Cabília, Boulifa Amar ou Said (1865-1931) assegurou a partir de 1890 um curso de língua cabila na Escola Normal de Bouzaréah. No início do século xx foi promovido à Escola de Letras de Argel como leitor de cabila junto de René Basset, professor de árabe encarregado, desde 1885, da reorganização do curso de berbere. Boulifa aparece como «a figura ideal do professor laico da Terceira República permanecendo profundamente vinculado à sua cultura original» (133). Entre os seus trabalhos, cuja actualidade se mantém, citemos o seu método de estudo da língua cabila (berbere) que permite ter uma visão precisa da sociedade rural da Cabília na época da estada de Teixeira Gomes. Por outro lado, a sua recolha de poesias cabilas, consagrada ao célebre poeta Si Mohand ou Mhand (1840-1905), torna-se o livro de culto dos jovens estudantes cabilas da escola

normal de Bouzaréah, até à adopção dos textos dos escritores Mouloud Feraoun e Mouloud Mammeri.

Originário de Médéa, Ben Cheneb Mohammed (1869-1929) tornou-se, em 1922, o primeiro argelino doutor em Letras a editar e traduzir um texto árabe. Após os estudos na Escola Normal de Bouzaréah, seguiu os cursos da Escola Superior de Letras com Ben Sedira, Edmond Fagnan e René Basset. Colocado na Médersa de Constantine, aí recolheu provérbios e poemas populares. Foi depois chamado por René Basset à Escola Superior de Letras de Argel para ensinar a métrica árabe e a tradução. Tomou parte activa no Congresso dos orientistas que se realizou em Argel em 1905 e integrou o Bureau da Sociedade Histórica Argelina (colonial). Membro da Sociedade Asiática em 1908, foi ainda membro da Academia Árabe de Damas e correspondente da Academia das Ciências Coloniais, em 1923 (105), data em que se começa a interessar pelo meio intelectual de Béjaia. Com efeito, será o primeiro a editar os manuscritos *Unwan ad-Diraya fi Mechaikh Bijaya* (Galeria dos sábios de Béjaia) do biobibliógrafo al-Gubrini (falecido em 1315) e a *Ribla* do viajante LHucin al-Wartilani (século XVIII).

Os escritores

Quando da estada de Teixeira Gomes, a vida intelectual em Argel desenrolava-se em torno da universidade. Nesta época, os editores propunham ao grande público novas perspectivas da capital. Assiste-se ao desenvolvimento de um movimento literário, na pequena livraria Edmond Charlot, em torno de Gabriel Audisio, cuja cumplicidade com Albert Camus lhes valeria o título de «os irmãos do Sol». Foram criadas a revista *Rivage* e a colecção «Méditerranéennes», como celebração da amizade e do espírito mediterrânico (178).

Nascido em Mondovi (Bône-Annaba), Albert Camus (1913-60) viveu quase sempre em Argel até à sua partida para Paris, em 1940. Aderira ao Partido Comunista Argelino em 1935 e viveu, então, «dois anos de militância política e cultural» (158). Fundou o grupo Théâtre du Travail que produziu a peça *Le Temps du Mépris*. A sua peça *Révolte dans les Asturies*, que é, de facto, uma obra colectiva, seria interdita pela Câmara Municipal de Argel. Será ainda actor na trupe da Rádio Argel e secretário-geral da Casa da Cultura. Depois de 1937, o Théâtre du Travail transformou-se num Théâtre de l'Équipe que se afirmou tanto como teatro popular como teatro de arte (158). Foi por esta altura que a escrita literária passou a ocupar um lugar central nas suas preocupações. Em 1937 publicou uma primeira colectânea de textos curtos, *L'Envers et l'Endroit*, onde revela a sua vida de adolescente pobre (158).

Albert Camus dedicou-se também ao jornalismo. Logo que, em 1938, a esquerda editou um diário, *Alger Républicain*, Camus assinou uma rubrica literária,

«Le Salon de lecture», onde publicou o seu famoso inquérito «Misère de Kabylie». Completando este «promenade à travers la souffrance et la faim», Camus não fez nenhuma proclamação política, mas propôs um «plano de reformas» que preconizava grandes trabalhos e um esforço de escolarização (159). Em 1957, tornou-se o único escritor natural da Argélia a obter o prémio Nobel da Literatura.



72. Albert Camus (1913-1960).

Escritores de língua francesa de origem autóctone vão igualmente desempenhar um papel na dinâmica intelectual dos anos 30. É o caso de Jean el Muhub Amrouche (1906-62), nascido em Ighil Ali (Wilaya de Béjaia), no seio de uma família convertida ao cristianismo e que adquiriu a nacionalidade francesa. Publicou, em 1939, a tradução francesa dos *Chants Berbères de Kabylie*, que ele recolhera directamente junto da sua mãe, Fadhma Nath Mansur e que a sua irmã, Marguerite Taos Amrouche (1913-76), interpretou. Marguerite interpretou ainda, nesse ano, cânticos rituais berberes no primeiro congresso de música de Fez e foi bolseira da Casa Velásquez entre 1940 e 1942, para investigar «reminiscências da tradição oral berbere no folclore ibérico» (45)

Um outro escritor autóctone soube assumir, «tanto na sua vida como na sua obra, a terra e a cultura cabilas, as suas raízes e a cultura francesa que ele assimilou muito bem» (377). Trata-se do professor Mouloud Feraoun (1913-62), cuja obra está intimamente ligada ao seu percurso e à sua região. A sua ligação à Cabília («filho desta terra de pó e de sangue») ficou expressa na piedosa recuperação dos hábitos e costumes. Em 1939 começou a escrever o romance *Le Fils du Pauvre*, obra-prima do conto infantil e um testemunho insubstituível sobre a formação de um jovem cabila da montanha, dos primórdios do século xx, e sobre este mundo onde se vive lado a lado com a pobreza, sem cair completamente na miséria (378).

Nos anos 30, os escritores *pieds noirs* (isto é, de origem europeia) e os autóctones mantiveram, muitas vezes, relações cordiais, como ocorreu entre Mouloud Feraoun e Albert Camus, ou entre Jean Amrouche e André Gide.

Música e teatro

Esta década foi prolífica para a música e o teatro. Na criação local assume particular importância a música tradicional dita andaluz. Trata-se de uma criação erudita que resulta da síntese de antigas civilizações orientais. A sua aparição está associada à instalação em Córdoba, em 822, de Ziryab, um mestre da corte de Bagdade. Esta música vai difundir-se nas cortes da Espanha muçulmana. A tradição desta

música não transcrita, que se perpetua até aos nossos dias nas cidades do Magrebe, era representada na Argélia por três escolas: a de Tlemcen ou *ghernati*, ligada a Granada; a de Argel ou *çanáa*, de tradição cordovesa; e o *Malouf* de Constantine, que se reivindica de Sevilha.

Na Béjaia dos anos 30, a canção tradicional dita andaluza, especialmente o *hawzi*, teria dominado a cidade. O canto dito «clássico» apresentava-se como apanágio dos grandes, *cádis* e *cheikhs* de confrarias religiosas onde, em geral, tinha lugar a iniciação. Nas festas cantava-se *Medh*, de Sidi Abdelkader: «Ya dhakkar djnani» (ó evocador do meu jardim), «Yarbah man zar mabnai» («será recompensado aquele que visitar o meu santuário»).

Sadek el-Bedjaoui (1907-95) é considerado um dos mestres incontestados da música andaluza magrebina. Ele conferiu à escola de Béjaia um género específico, inspirado na alma da cidade. Após a sua formação em Argel e Tlemcen, regressou a Béjaia em 1936, dotado de uma certa bagagem musical e de muita vontade de dinamizar a vida cultural e musical da cidade. Criou várias sociedades, entre as quais Echabiba (1938), Chabab El Fenni (1940), proibidas pela administração colonial. Transformou o café de Bagdade (rua Fátima, em Béjaia) num círculo cultural. Com a sua orquestra animará, por mais de 27 anos, as *soirées* musicais bougiotas.

Regressemos à capital. Entre as realizações significativas destes anos 30, cite-mos a orquestra sinfónica transmitida pela Rádio Argel, que emitia também *music hall* e teatro: no estúdio da rua Hoche para a rádio em língua francesa (família Hernández de Geneviève Baïlac), e o da rua Berthezène para a rádio em língua cabila ou árabe (Adas-Besskat de Nacer-Eddine). Existiam ainda outros espaços, como o Petit Théâtre de la Perle ou Mahieddine Bachetarzi (1919-86), que apresentava o Molière em árabe (*Les Fourberies de Scapin*) (84).

A pintura

Nova Iorque, S. Petersburgo, Versalhes, Bruxelas, Argel, Béjaia, Moscovo, Paris, Baltimore, Luxemburgo... A cidade de Béjaia, imortalizada por inúmeros artistas (célebres ou anónimos), foi levada para os maiores museus do mundo (Metropolitan Museum, Hermitage, Musée du Palais, Musée National, entre outros). Esta cidade, qualificada pelo arquiduque da Áustria, Luís Salvador de Habsbourg, como «Pérola da África do Norte», foi, de tempos a tempos, uma fonte de inspiração para numerosos homens de letras e artistas reputados. Luz, cor, paisagem... O escritor Guy de Maupassant evoca «este maravilhoso golfo de Bougie», enquanto o antigo presidente português Teixeira Gomes retém «o encanto do mar» desta «espécie de Sintra à beira-mar».

«Quase no mesmo ponto onde o Sol nasce e se põe, encontra-se Buggea e a cidade onde eu nasci.» Que melhor referência poderia encontrar o trovador Mar-

seille Folco para apresentar a sua pátria a Dante Aligheri? (*Nono Canto do Paraíso*, versos 91-93). Efectivamente, desde tempos imemoriais, «viajantes de todas as partes» fizeram de Béjaia e da sua região «uma passagem obrigatória». Como poderia ser de outro modo? Não estava ela — como sublinhava já no século XII al-Idrissi, o célebre geógrafo do rei normando Rogério II da Sicília —, «conectada com a África Ocidental, o Oriente e o Sara?». Se existem poucas representações de Béjaia na época medieval, a partir da primeira metade do século XIX, com a colonização francesa, surgem numerosas representações da cidade. O capitão Delamare, no âmbito da comissão de exploração da Argélia, tinha uma obsessão: o desenho.

A Argélia esteve na origem de numerosas vocações de pintores. É bem conhecido o papel da cidade Abd al-Tif de Argel na obra de Albert Marquet e de Marius de Buzon. Entre os pintores que marcaram a cidade de Béjaia, citemos Émile Aubry (1880-1964), cujos primeiros retratos intimistas e paisagens da região de Sétif, da Pequena Cabília e de Constantine, foram seguidos, nos anos 20, por temas alegóricos e religiosos. Eleito em 1935 para a Academia de Belas Artes, tornou-se seu presidente em 1948. O método de trabalho de Aubry foi descrito por Tristan Leclère, em 1935, no *Bulletin de l'Académie des Beaux-Arts*. A sua famosa tela «La Dame en noir» (Galeria Aubry, Béjaia) valeu-lhe a medalha de ouro no Salão de Paris em 1920. Com Jacques Augarde, vai possibilitar a criação, em Béjaia, da Galeria de Pintura e de Artes Gráficas Émile Aubry. Situada no *boulevard Front de Mer*, foi concebida de acordo com as normas vigentes: salão e salas bicolores (vermelho/cinza, amarelo/azul, etc.).

O talento neste domínio da pintura não era exclusivo dos europeus de estirpe. Com efeito, o argelino Azzouaou Mammeri (1890-1954), contemporâneo de Matisse, é hoje considerado um dos precursores da pintura moderna em África. Sobre a relação da sua actividade docente com a pintura, escreveu: «Em 1910, fui nomeado professor em Toudja, próximo de Bougie [...]. Acho o meu novo posto bastante agradável. Retomo os meus lápis com alegria e eis-me de novo seduzido pelas linhas e pelas cores. No pátio da escola exercito-me livremente, faço e refaço vinte esboços por dia. Os meus alunos são, para mim, modelos encantadores e dóceis. Toda a pujança da juventude se desenrola perante os meus olhos. Benefício



73. Albert Marquet (1875-1947), O porto de Bougie num dia cinzento, 1915.

(COL. CENTRE NATIONAL DES ARTS ET CULTURES, CENTRE GEORGES POMPIDOU)
74. Mohamed Racim (1896-1975).



largamente disso e, em resumo, para dar largas à minha paixão... amontoo centenas de estudos *naïves*, fantasistas» (Aïssani, *Bougie* 36).

Para concluir, refira-se ainda outra expressão artística que se desenvolveu nos anos 30. Trata-se da miniatura, arte recuperada por Mohamed Racim (1896-1975), herdeiro de uma linha de artesãos iluminadores instalados na *casbah* de Argel e professor na Escola Nacional de Belas-Artes de Argel. Foi reconhecido por Étienne Dinet que lhe encomendou, em 1918, a decoração de *La Vie de Mahomet*, que preparava para as Edições Piazza (731). O maior miniaturista de todos os tempos recebeu, em 1924, a medalha dos Orientalistas. De regresso a Argel, em 1931, impôs-se como o grande artista argelino, tendo-lhe sido atribuído, em 1933, o Grande Prémio Artístico da Argélia, do qual ele será o único titular muçulmano (732).

A cultura confrérica em Béjaia

Na época de Manuel Teixeira Gomes, as confrarias tinham uma actividade intensa em Béjaia. A cidade era, então, objecto de uma peregrinação importante. A memória de Bougie reside no bairro de Sidi Soufi, coração de Bab el-Louz. Na *Ribla*, o viajante LHucine al-Wartilani (século XVIII) evoca esta personagem mística: «Entrei em Béjaia e fiz uma Ziyara ao cheikh Sidi Soufi. Contudo, não aprendi nada a esse respeito. Constatei, simplesmente, que ele ocupava um lugar especial no coração dos habitantes de Béjaia. Inahu min Ahl at-Tassrif fi Bijaija» (Aïssani, *D. Plaidoyer* 14).

O papel das confrarias religiosas no domínio da conservação e da transmissão, assim como na criação, é evidente em Béjaia. A «assistência comunitária» por parte dos grupos religiosos, que pré-existia à colonização francesa, parece ter-se mantido até à independência. Esta prática não inibia o desenvolvimento de laços de convivialidade profana. Por exemplo, na festa da Natividade (*Mawlid an-Nabarwi*) todas as confrarias rivalizavam na criatividade que conferia a esta celebração, provavelmente de inspiração sufi, o fausto esperado.

A memória colectiva conserva a lembrança das *Moqqadems da `Aïssaouiyya*, das *Qadiriyya* e da *Taybiyya*, bem como dos guardiães dos lugares de culto, em Aiguades, Gouraya, Sidi Touati... Quanto à *`Amariyya*, as fontes orais precisam que Boukhari Hadj Mbarek foi acolhido, no século XIX, por famílias bougiotas.

Esta cultura confrérica estava no centro de numerosas questões políticas e culturais na Argélia durante a colonização francesa. O cheikh Ibn Badis tinha o hábito de ir a Béjaia visitar Hadi Zerruqi (dirigente da Khaldunia). Retomemos o testemunho de um ancião da cidade a propósito de um diálogo entre o cheikh e os Moqqadems. O Moqqadem (da Aïssaouiyya) disse-lhes: «Dizei alto: 'Que a salvação esteja com o Profeta'... e os kouanes respondiam: 'Que a salvação esteja contigo, ó enviado de Alá'. Ele começou o seu Hizb: 'Entrego-me ao eterno que

não morre. Entre as suas mãos se encontra o bem e ele é Todo-Poderoso'. Todos se calaram. O cheikh (Ibn Badis) disse-lhes (aos detractores das confrarias): 'As pessoas em cuja casa me haveis conduzido entregam-se a Deus. Como podeis dizer que eles fazem coisas... Calai-vos, deixai-me escutar o hizb do cheikh'. Saiu e disse-lhes: 'Aqueles, deixai-os em paz, eles estão com Deus, não estão convosco nem comigo'».

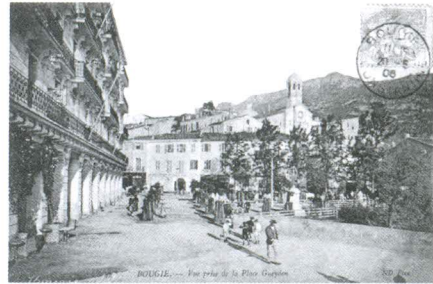
O contributo das confrarias para a cultura da cidade foi igualmente marcante, nomeadamente na expressão musical. A escola bougiota de música andaluza, de reputação internacional, é um bom exemplo. Quando, num popular programa de televisão, em 1993, o apresentador questionou o famoso cantor andaluz Sadek el-Bedjaoui sobre a origem da sua formação musical, a resposta foi elucidativa: «Aprendi com os Muqqadems das Confrarias, a Taybiyya e a Qadiriyya, com Si Allaoua e Si el-Hachemi.» De facto, Qadiriyya é considerada aquela cuja vocação musical é mais forte: «ela utilizava os instrumentos tradicionais no seu protocolo: bendir, *tar* bandolim, viola». O bandolim e o banjo parecem ter sido incorporados mais tarde: «Eu não os vi na Qadiriyya!»

Manuel Teixeira Gomes em Béjaia

Manuel Teixeira Gomes partiu de Portugal para o Mediterrâneo em 17 de Dezembro de 1925. Aos 65 anos de idade, recuperou a magia das viagens, «sem um plano definitivo ou um itinerário seguro». Chegou a Bougie a 5 de Setembro de 1931 e instalou-se no quarto n.º 13 do hotel de l'Étoile, onde veio a escrever vários livros.

No tempo da sua estada, a cidade tinha uma vida cultural bastante intensa. No domínio das artes plásticas era evidente um forte dinamismo, expresso não só no movimento associativo (existia uma Sociedade dos Amigos das Artes), como também na actividade criativa e na frequência de exposições: as actividades de desenho eram supervisionadas por A. Soulacroup, director da Escola Pública Superior (EPS) que deu origem ao Liceu da rua Fátima (actualmente Liceu Ibn Sina); entre os pintores mais activos, podemos destacar Granata, Bon, A. Boureau e H. Jougounou.

Existia uma biblioteca municipal e o Museu Cazaubon (sob a praça Gueydon). No domínio das artes performativas, o teatro, o cinema e a música tiveram uma expressão significativa. Existia um teatro onde eram representadas peças por parte de companhias de Argel e de França e também das escolas. Havia duas salas de cinema: o Alhambra (sob a praça Gueydon) e o Monciné (na baixa da cidade).



75. Praça Gueydon, Bougie, 1906. (col. MGMV)

Companhias circenses instalavam-se regularmente na baixa da cidade, em Lekhmis. É surpreendente a importância que a música tinha nessa época. Porventura devido a esse dinamismo, existem ainda hoje, entre os *pieds-noirs* bougiotas, muitos músicos, como Gilles Apap, violonista mundialmente conhecido.

Aos domingos, realizava-se um concerto público e gratuito no coreto situado na praça Gueydon, exactamente em frente ao hotel de l'Étoile (por baixo da janela do quarto de Teixeira Gomes), pela filarmónica municipal chamada Les Enfants de Bougie. Episodicamente, realizavam-se concertos no teatro, nos salões da Câmara Municipal, no cinema Alhambra e na Bravoure (Sociedade de Ginástica). Pelas ruas da cidade, desfilava regularmente a fanfara de L'Amicale Franco-Arabe (também conhecida como clique franco-muçulmana).

* Manuel Teixeira Gomes tinha uma relação afável com os habitantes da cidade e interessava-se pelo seu modo de vida. Apreciava a música árabe e sobre ela escreveu numa longa carta a um amigo: «o contraponto, a modulação, a polifonia, não existem. Uma linha só em cantos monódicos, sempre, sempre de intensa melancolia...» e sublinhando a raridade do baixo cujo «timbre e sonoridade não impressionam o ouvido das pessoas que vivem ao sol» (Ferreira, *Um Peregrino* 39).

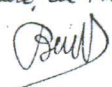

Em 1939, no hotel onde residia havia oito anos, recebeu a visita do jornalista Norberto Lopes. A entrevista foi publicada no *Diário de Notícias* e serviu de base ao livro *O Exilado de Bougie*. Falecido em 18 de Outubro de 1941, o corpo do ex-presidente português foi sepultado no mausoléu da família Berg, no cemitério cristão de Bougie. Nove anos após a sua morte, a 18 de Outubro de 1950, os seus restos mortais foram repatriados para Portugal e depositados no cemitério de Portimão, no decurso de uma cerimónia fúnebre na qual participaram milhares de pessoas de todos os estratos sociais.

N.º 83 Décès

Gomès
Manuel, Teixeira

Le Die huit octobre mil neuf cent quarante-et-un, à cinq heures dix
 Manuel Teixeira Gomes, Membre Honorifique,
 né à Portimão (Portugal) le âge d'environ vingt sept mai mil huit ans
 est décédé à cette habitation
 fils de M. José de Fátima Gomes
 et de Mlle Maria da Glória
 domicilié à Bougie, Hôtel de l'Étoile, Place de Gueydon, 4
 est décédé à _____

Dressé le Die huit octobre mil neuf cent quarante-et-un, à dix
 heure 2, sur la déclaration de Charles Berg, cinquante deux ans
 Propriétaire de l'Hôtel domicilié à Bougie
 qui, lecture faite, a signé
 avec Nous, Charles Abram, Médecin M. L. Maire, Conseil Municipal
 Mayor de la commune de Bougie, remplissant les fonctions d'officier de l'état civil, par de l'église
 de Maire, de Bougie, âgé mil neuf cent quarante et un

BIBLIOGRAFIA

- Aïssani, Djamil. D. *Bougie l'Ancienne, le Mouvement Intellectuel et la Méditerranée*. Actes du Colloque International «Béjaïa et sa Région à Travers les Âges: Histoire, Société, Sciences, Culture». Béjaïa: Novembro 1997, pp. 35 e ss.
- Historique et Evolution du Mouvement Associatif en Algérie*. Actes du Forum des Associations Socio-Culturelles de la Commune de Béjaïa. Béjaïa: Maison de la Culture, 1998 (cf. <http://www.gehimab.org>).
- «Impact de la Méditerranéité sur le Développement de la Ville de Béjaïa», *La Ciudad, Elemento de Identidad y Factor de Desarrollo del Meterráneo: Historia y Perspectivas*. Xàtiva — Valencia: 1999, pp. 401-12.
- «La Ville de Béjaïa et les Rapports Internationaux: des Rencontres Intercommunales à la CPVHM (Conférence Permanente des Villes Historiques de la Méditerranée)», *Acteurs Locaux et Patrimoine Immatériel: le rôle des villes historiques de la Méditerranée*. Roma, Paris: ISPROM/ PUBLISUD Editions, 2004, pp. 25-58.
- Augarde, J. et al. *Les Jeunes de Bougie Construisent l'Eurafrique de l'Amitié*. Troyes: Imprimerie de la Renaissance, 1956.
- Ferreira, Vitor Wladimiro. «Teixeira Gomès, un homme de la Méditerranée». *El Watan*, 21 janvier 1998, pp. 12-13.
- «Um Peregrino no Mediterrâneo: le séjour et les écrits de Manuel Teixeira Gomès à Bougie (1931 — 1941)», Actes du Colloque International «Béjaïa et sa Région à Travers les Siècles: Histoire, Société, Sciences, Culture». Béjaïa, Novembro 1997, pp. 39 e ss.
- Laggoune, M. e Cherabi N., *Manuel Teixeira Gomès à Bougie*. Filme documentário de 13 minutos. Exposição Universal de Lisboa, 1998.
- Verdès-Leroux, Jeannine. *L'Algérie et la France*. Rabert Laffont Ed., 2009.

A cultura portuguesa deve ao mais singular dos viajantes portugueses do final do século XIX e primeira metade do XX o reconhecimento da coerência ética, enquanto político, e do legado literário, enquanto escritor. «Excepcionalmente precoce na visão do amor e da política», Manuel Teixeira Gomes preservou sempre a independência das suas convicções e da sua acção cívica. Optou por viver no mundo árabe os últimos dez anos da sua vida, numa atmosfera que lhe era familiar desde a infância no Algarve. Ateu impenitente, deslumbrava-se pela arte religiosa, quer fosse islâmica quer fosse cristã. Era a arte acima de todas as divergências e conflitos que lhe importava. O seu culto pagão à Natureza e à beleza não era compatível com o ruído causado pela discórdia. A sua sensualidade não distinguia raças nem culturas. A beleza do corpo era imune à pobreza, à riqueza, à raça. Conheceu povos muito diferentes, aprendera a reconhecer-lhes a idiosincrasia. A diversidade cultural encantava-o e pela vertigem cosmopolita da sua vida e da sua obra perpassa uma mensagem de diálogo intercultural que o Instituto de Cultura Ibero-Atlântica, associação cultural sediada na sua terra natal, adopta justamente como tributo à sua memória.

MARIA DA GRAÇA A. MATEUS VENTURA

ISBN 978-989-671-039-2



9 789896 710392